

IMAGENS DO NIPO-BRASILEIRO NA FICÇÃO

Dr. Oscar Fussato Nakasato (UTFPR)¹

RESUMO:

Poucas obras literárias configuram a presença do imigrante japonês e seus descendentes no Brasil. Entre essas obras se destacam *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, e *Marco Zero I: a revolução melancólica* e *Marco Zero II: chão*, de Oswald de Andrade, que reduzem o imigrante japonês a um ser arrivista e imperialista. Nesses romances, bem como no de Mário de Andrade, o imigrante japonês é visto à distância, através de olhos que parecem alheios à realidade complexa em que vive.

PALAVRAS-CHAVE: literatura e sociedade; literatura brasileira; personagens nipo-brasileiros.

Introdução

No Brasil, a presença de povos distintos e culturas diversas é um dos determinantes de sua riqueza literária. As inspirações e as influências se multiplicam com a diversidade, o que podemos sentir desde as primeiras produções literárias brasileiras, com a participação de índios, negros e europeus, apesar do processo criativo ter permanecido durante muito tempo restrito aos portugueses e a seus descendentes.

No século XX, a expansão do processo imigratório para o Brasil ampliou bastante o leque de matérias para a produção literária. Entre os povos que vieram, os japoneses são bastante representativos pelo número de imigrantes que aqui se estabeleceram e pela contribuição que deram para o desenvolvimento de nosso país. Em relação à literatura, entretanto, sua participação ainda é bastante incipiente.

Enquanto personagens, a presença de nipo-brasileiros é rara. Mário de Andrade foi, provavelmente, pioneiro na inclusão de um personagem nipônico no romance brasileiro. Em *Amar, verbo intransitivo* (1927), o autor de *Macunaíma* criou o mordomo Tanaka. Depois de *Amar, verbo intransitivo*, personagens nipo-brasileiros figuraram em *Marco zero I: a revolução melancólica*, de 1943, e *Marco zero I: chão*, de 1945, escritos por Oswald de Andrade. Esses personagens, apesar de secundários, são bastante representativos enquanto reveladores da imagem do nipo-brasileiro no Brasil na primeira metade do século XX. O presente trabalho procura analisá-los orientado por Antonio Candido (1987, p.63), para quem a literatura “... possui tantas ligações com a vida social, que vale a pena estudar a correspondência entre ambas.” Em *Formação da literatura brasileira*, ele observa:

(...) ao contrário do que supõe os formalistas, a compreensão da obra não prescinde a consideração dos elementos inicialmente não-literários. O texto não os anula, ao transfigurá-los, e sendo um *resultado*, só pode ganhar pelo conhecimento da realidade que serviu de base à sua realidade própria. (CANDIDO, 1981, p.35)

O movimento *new historicism*, por sua vez, enfatiza a literatura como uma prática social, uma forma – dentre muitas outras – de ler o espírito de uma época. Influenciado por Michel Foucault, o *new historicism* proclama que o texto literário é um discurso individual, mas incrustado no discurso coletivo de um determinado período histórico. Por isso, para a análise proposta, inevitável foi a incursão na História para uma pesquisa acerca do processo de imigração dos japoneses e sua inserção na sociedade brasileira.

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná
oscar@utfpr.edu.br

1 O olhar severo

Amar, verbo intransitivo (1927), de Mário de Andrade, é, possivelmente, a primeira obra ficcional brasileira a incluir um imigrante japonês entre seus personagens. O autor começou a escrevê-la em 1923, somente quinze anos após o início da imigração japonesa no Brasil, e a concluiu em 1926. Não sabemos o quanto Mário de Andrade conhecia a cultura do imigrante japonês e se compôs seu personagem a partir de contatos pessoais. O que sabemos é que o imigrante japonês era de difícil sociabilidade com o povo brasileiro e que quase a totalidade dos primeiros que aqui chegaram foram trabalhar na zona rural, o que tornavam raras as suas relações com os cidadãos. Porém, sabe-se, também, que muitos imigrantes não se adaptavam ao trabalho agrícola e abandonavam a lavoura. Arlinda Rocha Nogueira (1973, p.65-66) lembra que eles “... seguiam para as cidades onde iam exercer outras profissões como os de empregados domésticos, choffeurs, copeiros, tintureiros, marceneiros etc.” Tanaka, personagem de *Amar, verbo intransitivo*, é exatamente um empregado doméstico: um mordomo.

Num romance cuja história gira em torno de uma imigrante alemã contratada por um pai da burguesia paulistana para a iniciação amorosa de seu filho adolescente, Tanaka ocupa um lugar secundário, embora emblemático como elemento de discussão da figura do estrangeiro. É um ser solitário, talvez um dissidente de alguma família artificial.² Quando Fräulein chega à casa dos Sousa Costa para assumir a função de governanta, sente-se ameaçado: “Mais uma estrangeira na casa que ele pretendia conquistar, ele só...” (ANDRADE, 1944, p.97)

Fräulein e Tanaka são representantes da classe de empregados estrangeiros, que cresce muito na primeira metade do século XX, no Brasil. É uma espécie de invasão, sobre a qual o narrador adverte: “Cada um se acreditava o dono daquela família, o conquistador da casa e do jardim, ou quem sabe? futuro possuidor do Estado e próximo rei da terra brasileira toda do Amazonas ao Prata.” (ANDRADE, 1944, p.98)

A rejeição à figura do imigrante é reiterativa no romance. Para criticá-la, Mário de Andrade ironiza:

E assim aos poucos o Brasil fica pertencendo aos brasileiros, graças a Deus! dona Maria Wight Blavatsky, dona Carlotinha não-sei-que-lá Manolo. Quando tem doença em casa, vem o dr. Sarapião de Lucca. O engenheiro do bangalô neo-colonial (Ásia e duas Américas! Pois não: Chandernagor, Bay shore e Tabatingüera) é o snr. Peri Sternheim. Nas mansões tradicionalistas só as cozinheiras continuam ainda mulatas ou cafusas, gordas e pachorrentas negras da minha mocidade!....Brasil, ai, Brasil! (ANDRADE, 1944, p.98)

Ao estabelecer o confronto entre Fräulein e Tanaka, o narrador os compara a tigres. Lembra, primeiro, os versos de *Queimada*, de Castro Alves, em que um tigre e uma corça se unem numa mesma rocha ao fugirem do fogo. O narrador quer realizar uma comparação entre os dois animais e os imigrantes, porém conclui que nem Fräulein, profissional que inicia sexualmente adolescentes ricos, nem Tanaka, representante de um povo guerreiro, poderiam ser comparados à inocente corça. Então, ambos são equiparados a tigres. Dois tigres, mais inimigos ainda que um tigre e uma corça, reunidos na mesma pedra, fugindo da mesma queimada.

A relação entre os dois imigrantes é de antagonismo, mas o fato de *fugirem da mesma queimada*, de *estarem na mesma pedra* os aproxima. Telê Porto Ancona Lopez (1944, p.26) interpreta: “Tanaka, o criado japonês da família, e Fräulein, inimigos de dia e companheiros dialogando na sala, à noite.” Ambos vivem a situação do exílio, da difícil sobrevivência numa terra estrangeira. Conversam sobre as recordações que cada um tem de seu país e sobre as esperanças no

² Como o contrato de trabalho dos imigrantes nas fazendas era somente para famílias, havia homens solteiros que se agregavam a famílias conhecidas para poderem vir ao Brasil. Depois muitos deles as abandonavam e seguiam para as cidades, ou porque não se adaptavam à atividade agrícola ou porque sozinhos tinham dificuldades em conseguir trabalho na lavoura.

futuro. A demora da realização dos sonhos faz os personagens maldizerem o Brasil: “Até calúnias, tão eficientes para consolar” (ANDRADE, 1944, p.48). A agressividade contra o novo meio é a maneira que encontram para preservar a auto-estima, diminuída pela situação em que se acham. “O amor antigo, que é o objeto de identificação, dificulta amar o novo”, explica Franscisco Hashimoto (1991, p.134), ao comentar o processo psicológico por que passam os imigrantes japoneses no Brasil. Por isso, o narrador reconhece: “A gente não deve culpar nem Fräulein nem o criado japonês. Não adianta nada, nem são tão culpados assim.” (ANDRADE, 1944, p.100)

A situação dos dois imigrantes é agravada pelo fato de se encontrarem sozinhos, sem a presença das famílias. Segundo Franscisco Hashimoto (1991, p.44), “frente a desorganizações provocadas pela crise da separação, o núcleo familiar passa a desempenhar um papel muito importante, pois são as representações de vínculo e do coletivo grupal que produzirão as possibilidades de adaptação.” No caso de Tanaka, não há nenhuma menção a relações com parentes ou membros da colônia nipônica, mas, para Fräulein, a ausência da família é superada parcialmente através da participação num grupo de imigrantes alemães, apesar de preferir permanecer em casa nos dias de folga lendo Schiller ou Goethe. As suas amizades incluem professores e um pintor, com os quais pode conversar sobre Wagner e Beethoven. Essa característica de erudição da personagem é lembrada com frequência na obra, como uma condição de superioridade do imigrante alemão. Fräulein, embora socialmente condicionada à função de governanta e prostituta, é bastante dotada intelectualmente. Em seus devaneios, sente-se superior: “Vejam por exemplo a Alemanha, que-dê raça mais forte? Nenhuma. (...) Os negros são de raça inferior. Os índios também. Os portugueses também.” (ANDRADE, 1944, p.63).

E os japoneses? A resposta surge na passagem em que Fräulein e Tanaka se unem para caluniar o Brasil. Nesse momento, o narrador lembra que quem fala é principalmente o japonês, “que o alemão tinha as pernas mais altas do estudo para se rojar no lamedo.” (ANDRADE, 1944, p.98). A diferença que se estabelece entre os dois marca a imagem de cada um no romance. Essas imagens correspondem ao fato de que o Brasil foi colonizado culturalmente pelos europeus e os japoneses imigraram exclusivamente para realizar trabalhos braçais.

2 O olhar hostil

Marco zero I: a revolução melancólica e *Marco zero II: chão*, de Oswald de Andrade, não são nem um pouco indulgentes com o imigrante japonês. Nos dois volumes, ele é visto com desconfiança, com hostilidade.

Marco zero é um projeto inacabado de Oswald de Andrade, que pretendia apresentá-lo em cinco volumes. Desses, apenas os dois primeiros foram concluídos e publicados: *A revolução melancólica* (1943) e *Chão* (1945). São dois volumes de entusiasmo iconoclasta que procuram traçar um painel político-social dos anos 30, com problemas conseqüentes da crise do café de 1929 e relacionados às lutas armadas, sobretudo a de 1932. O escritor questiona o uso da terra, discute a política comunista e mostra a decadência do latifúndio cafeeiro. O espaço é o Estado de São Paulo; interior e capital. Essa geografia é povoada por mais de uma centena de personagens das mais diversas condições. Também são inúmeros os cenários. É uma história de cenas breves, as quais, segundo Antonio Candido (1992, p.21), são “um processo bom (...) para captar a multiplicidade e o simultâneo do real.” Mas o crítico lembra que ele “afasta (...) qualquer veleidade de aprofundamento psicológico mais acentuado. Esta técnica miudinha, este processo de composição em retalhos, só serve para as visões horizontais da vida.” (CANDIDO, 1992, p.21)³. Mário da Silva Brito (1991, orelha) acrescenta: “Oswald faz da coletividade o seu grande personagem e diante dela o indivíduo se anula.” É o que ocorre com os personagens nipo-brasileiros, de participação

³ Esse comentário, bem como o da citação anterior, referem-se somente a *Marco zero I: a revolução melancólica*, já que quando o crítico o escreveu, o segundo volume da série ainda não havia sido publicado. Contudo, eles servem, também, ao livro *Marco zero II: chão*, no qual Oswald de Andrade adota a mesma técnica de composição.

secundária. Eles são somente representantes de uma etnia estranha, que ameaça a soberania brasileira.

Em *Marco zero*, os japoneses integram obrigatoriamente o painel que Oswald traça da participação dos imigrantes na história paulista dos anos 30. Mas não há a preocupação com os anseios, com os dramas pessoais vividos por esses homens que vieram ao Brasil na intenção de enriquecer rapidamente e retornar ao Japão. Os personagens são rasos. Os conflitos e desencontros decorrentes das diferenças culturais também não são questionados. O problema é o Brasil, sua economia, sua política.

Num período em que intelectuais como Plínio Salgado e políticos como Getúlio Vargas viam com ressalvas a presença do estrangeiro no Brasil, a desconfiança com que o japonês é visto na obra não fica fora do contexto histórico. O que em *Amar, verbo intransitivo* é uma sugestão vaga, torna-se uma ameaça concreta em *Marco Zero*: o plano expansionista do Japão, que inclui a conquista do território brasileiro. Em nenhum momento o imigrante japonês é visto como aquele que contribuiu para o desenvolvimento econômico do país através de sua dedicação ao trabalho. “O imperialismo japonês disciplinava a alma dos amarelos, pequenos, retacos, dissimulados”(ANDRADE, 1991, *Marco Zero I: a revolução...*, p.30), comenta o narrador. Até Kana, educado na Inglaterra e convivendo mais com brasileiros que com japoneses, criado doméstico que passa a chofer e depois a piloto de avião de uma decante família latifundiária paulista, é fervoroso quando se trata de defender o Japão. A fidelidade à pátria dos imigrantes é revelada no modo como tratam o imperador: “A religião é como o chá. Tem verde, tem preto, mas Deus está a serviço de S. Majestade o Imperador.” (ANDRADE, 1991, *Marco Zero I: a revolução...*, p.88). Numa pesquisa da antropóloga americana Ruth Benedict (1972, p.33), constatamos que essa reverência ao imperador corresponde à realidade: “... nada mais feria os japoneses e lhes fustigava mais a moral do que qualquer palavra depreciativa contra o Imperador ou qualquer ataque direto a ele.”(BENEDICT, 1972, P.33). Mais adiante, Benedict (1972, p.34) reproduz frases comuns aos japoneses: “Um Japão sem o Imperador não é o Japão. O Japão sem o Imperador não pode ser imaginado. O imperador é o símbolo do povo japonês, o centro de sua vida religiosa.”

Os filhos dos imigrantes japoneses também ilustram o modo de ser dos nipo-brasileiros. No segundo capítulo de *A revolução melancólica*, Oswald revela ironicamente a tentativa de uma escola de convencer os alunos sobre o valor do patriotismo. A diretora sugere uma chamada patriótica:

_ Kioto Nassura...
_ Sou basirera..
_ Sakueto Sakuragi...
_ Sou basirero..
_ Jesué dos Santos.
_ Sou piracicabano!
_ Josefa Antunes.
_ Sou brasileira.
_ Massau Muraoka...(ANDRADE, 1991, *Marco Zero I: a revolução...*, p.50-51).

O menino não responde. O silêncio de Massau revela a resistência do *nikkei* em reconhecer o Brasil como sua pátria.

Ainda nesse capítulo, o narrador destaca a seriedade com que o filho do imigrante japonês se dedica aos estudos. Haru é a primeira da classe. E enquanto os alunos pedem à professora que lhes conte uma história, Zenken quer aprender *xiênxia*.

As diferenças entre a criança nipo-brasileira e a brasileira se revelam, também, na condição sócio-econômica. No episódio mais comovente de *A revolução melancólica*, vemos o menino Idalício Diadermino desmaiar de fome em plena aula. A esse fato, um garoto japonês diz: “Japonese non cai porque traz lanchi...” (ANDRADE, 1991, *Marco Zero I: a revolução...*, p.52). Alguns dias depois, na sala de aula, a professora anuncia a morte de Idalício. Atrás dela, no quadro, a ironia: “O

Brasil é o país mais rico do mundo. Seus cursos d'água, seus minérios, suas imensas florestas fazem dele o paraíso na terra.” (ANDRADE, 1991, *Marco Zero I: a revolução...*, p.82)

Marco zero mostra os imigrantes como parte de uma estratégia do governo japonês para dominar o Brasil e o mundo. Na leitura que realiza de *Marco zero I: a revolução melancólica*, Antonio Candido (1992, p.21) mostra que no romance os japoneses formam quistos raciais que estão “ao seu flanco (da burguesia), crescendo à sombra dos seus interesses e de sua incúria, (...) insulados pelo particularismo, ganhando a terra pelo canal das colônias rurais.” Sua capacidade de organização, sua dedicação ao trabalho, seu cooperativismo, sua fidelidade à cultura do país de origem, tudo isso é reconhecido como uma grande ameaça. Ao comentário de um italiano de que “pra podê com um japonese precisa sete brasileiro, dois turco, cinco italiano e meia duza de português”, um patricio responde: “Os japonese quiere enguli o mundo inteirinho.” (ANDRADE, 1991, *Marco Zero I: a revolução...*, p.37) Em outro momento da história, o camarada Rioja, um militante comunista, pergunta: “Vocês não vêem que eles só se casam com outros japoneses?” (ANDRADE, 1991, *Marco Zero I: a revolução...*, p.44) Com essa observação, o comunista insinua que para os nipo-brasileiros o casamento é mais uma estratégia do projeto de expansão do governo japonês.

Muraoka, dono de um empório em Bartira, interior de São Paulo, é exemplo da voracidade nipônica. Capitalista e explorador, ele propõe a um pequeno e endividado proprietário de terras comprá-las. Após efetuado o negócio, ironicamente o ex-proprietário e sua família continuam trabalhando nas mesmas terras. Agora são empregados.

Contra essa situação se coloca o farmacêutico Lírio Rebouças, mulato e intelectual fanático na defesa do caboclo e do negro, contraditoriamente casado com a filha de um imigrante italiano que se tornou rico explorando os pobres e que maltratava os afro-brasileiros. Através do nome do personagem, Oswald denuncia o seu paradoxo. Fervoroso inimigo do capitalismo e dos japoneses, Lírio explica numa carta ao médico Miguel Couto⁴, líder do movimento contra a imigração amarela:

Isso que se chama pomposamente de *milagre japonês* afirmando com razão que um alqueire de terra dá 60:000\$000 na mão do amarelo e só rende 2:000\$000 na mão do caboclo. Mestre Miguel Couto, essa é a mais infamosa propaganda feita contra o nosso caipira, que eu tenho visto. Vou lhe explicar por que em duas palavras apenas: o amarelo arrenda a terra e quando a abandona esta não presta mais pra nada. Eles usam uma qualidade de adubo tal que inutiliza a terra depois de um certo tempo e então o caboclo que não conhece o truque deles vai plantar nessa terra e só toma na cabeça. (ANDRADE, 1991, *Marco zero II: Chão*, p.191)

Considerando a afirmação de Maria de Lourdes Eleutério (1991) de que a terra é o protagonista de *Marco Zero*, temos, então, o imigrante japonês como antagonista.

A tese defendida por Lírio Rebouças é usada, segundo Fernando Morais (2000, p.54), para culpar os nipo-brasileiros pelo racionamento de alimentos imposto durante a Segunda Guerra Mundial. Para tanto, o jornalista reproduz um trecho do editorial do *Diário da Noite*: “O colono japonês arrenda a terra, rouba toda a sua fertilidade e a abandona, depois, por outra onde seja possível repetir a façanha.”

O olhar sobre o nipo-brasileiro que vemos em *Marco zero* é redutor. “Os amarelos indiferentes, miúdos, descalçavam as botinas, arrancavam as meias imundas, encolhiam-se nos bancos de pau, merendando” (ANDRADE, 1991, *Marco Zero I: a revolução...*, p.39), dispara o narrador. É essencialmente o olhar do brasileiro nacionalista preocupado com as possibilidades de prejuízos com a presença do estrangeiro no país. E no caso específico da imigração japonesa, não

⁴ Miguel de Oliveira Couto (1864-1934) realmente existiu, presidindo a Academia Nacional de Medicina, de 1914 a 1934. Defensor da proibição da imigração japonesa no Brasil, disse na Assembléia Nacional, em 24 de fevereiro de 1924: “... se já prestamos um tão grande serviço à humanidade na mestiçagem do preto, é o bastante... A do amarelo, a outrem deve competir.” (COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL, 1992, p.165).

há espaço para o sentimento antropofágico: a diferença cultural existente entre o Brasil e o Japão é muito grande. A assimilação é um processo longo que requer dedicação, e os brasileiros, historicamente explorados por estrangeiros, tinham dificuldades em engendrar uma aproximação amistosa. Por outro lado, os imigrantes japoneses, nacionalistas extremados e preocupados com o retorno ao seu país, viviam em comunidades fechadas, mantendo pouco contato com a realidade cultural brasileira.

Conclusão

No início da imigração japonesa no Brasil, encontramos homens e mulheres que ainda se sentem japoneses, circunstancialmente vivendo em um país que não é a sua nação. A cultura diferente que encontram aqui, bem como os distintos traços físicos, tornam esses estrangeiros, muitas vezes, *mais japoneses* do que eram no Japão. E mesmo aqueles que já se fixaram aqui e as crianças, que já têm nacionalidade brasileira, vivem com o sentimento de pertencerem ao Japão. É difícil, para eles, amarem o Brasil, pois não se reconhecem nele. Por isso vivem insulados. Essa complexa realidade se reduz a um universo de oportunistas em *Amar, verbo intransitivo*, *Marco zero I: a revolução melancólica* e *Marco zero II: chão*. Nos romances de Oswald de Andrade, principalmente, o olhar hostil e categórico denuncia um autor defensor do trabalhador brasileiro e crítico das garras do capitalismo estrangeiro sobre o nosso país, no período entre as duas guerras mundiais. Nesses romances, bem como no de Mário de Andrade, a ótica redutora plasma imagens estereotipadas do nipo-brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo intransitivo**. 16ª ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Villa Rica, 1944.
- ANDRADE, Oswald de. **Marco Zero I : a revolução melancólica**. São Paulo: Globo, 1991.
- ANDRADE, Oswald de. **Marco Zero II: chão**. São Paulo: Globo, 1991.
- BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BRITO, Mário da Silva. In: ANDRADE, Oswald. **Marco Zero I: A revolução melancólica**. São Paulo: Globo, 1991. Orelha.
- CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987, p.163-180.
- CANDIDO, Antonio. Estouro e libertação. In: **Brigada ligeira e outros escritos**. São Paulo: Edunesp, 1992, p.17-32.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, s.d.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Posse ou propriedade, eis a questão. In: ANDRADE, Oswald de. **Marco Zero I : a revolução melancólica**. São Paulo: Globo, 1991.
- HASHIMOTO, Francisco. **Sol nascente no Brasil: cultura e mentalidade**. 1991. Dissertação de Mestrado em História – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. Uma difícil conjugação. In: ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo intransitivo**. 16ª ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Villa Rica, 1944. p.9-37.
- MORAIS, Fernando. **Corações sujos: a história da shindo renmei**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NOGUEIRA, Arlinda Rocha. Imigração japonesa para o estado de São Paulo (1908-1922). In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi (Org.). **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. p. 56-68.